



## DEPRESSÃO PÓS-PARTO: UMA ABORDAGEM SINTOMÁTICA E OS IMPACTOS NA PARA INTERAÇÃO MÃE-BEBÊ

Maria Eulália Alves Lopes<sup>1</sup>

Jully Faria Monteiro<sup>2</sup>

Clarissa Villa Verde de Lima Roure<sup>3</sup>

A depressão pós-parto (DPP) conceitua-se pela ocorrência de um maior evento depressivo no período pós-parto. É considerado um grave problema de saúde pública, como visto pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e pela Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP). Possui como problemática, o alto prejuízo no desenvolvimento do filho quanto a própria saúde da gestante. Os principais sintomas desse quadro apresentam-se geralmente no início do primeiro mês após o parto, e a intensidade das manifestações clínica elevam-se nos seis primeiros meses. O objetivo deste trabalho é discorrer sobre a temática do impasse de saúde mãe-filho que a depressão pós-parto realiza. Logo, também uma visão ampla dos sintomas e possíveis impactos na relação mãe-bebê e no desenvolvimento infantil. Foi feita uma revisão literária de artigos publicados entre 2018 e 2022, com buscas nas bases de dados Scielo, Pubmed, Federação Brasileira das associações de Ginecologia e Obstetrícia, na Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) e na Organização Mundial de Saúde (OMS) sendo identificados 1452 estudos, dos quais foram incluídos onze artigos para o estudo. Os estudos mostram que a depressão pós-parto pode impactar na interação da criança com a mãe, devido às manifestações dos sinais e sintomas depressivos que podem influenciar negativamente no desenvolvimento afetivo, social e cognitivo do lactente. À vista disso, destacam-se os sintomas mais comuns, como alterações do ciclo circadiano, ideação de suicídio, apatia, sentimento de culpa, ideias supervalorizadas ou obsessivas, e medo de machucar o filho. Neste caso, os sinais e sintomas depressivos da mãe podem ter impactos negativos nas interações com o bebê, provocando consequências no desenvolvimento social, afetivo e cognitivo da criança. Dessa forma, o ato de ter depressão pós-parto não significa que a mãe não quer e não ama seu bebê recém chegado.

<sup>1</sup> Discente do curso de Medicina do Centro Universitário de Mineiros Campus Trindade Email: mariaeulalialopes@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Discente do curso de Medicina do Centro Universitário de Mineiros Campus Trindade

<sup>3</sup> Docente do curso de Medicina do Centro Universitário de Mineiros Campus Trindade

17, 18 e 19  
de OutubroSemana  
Universitária  
2022BICENTENÁRIO DA  
INDEPENDÊNCIAANOS DE CIÊNCIA,  
Tecnologia e Inovação no Brasil.[WWW.UNIFIMES.EDU.BR](http://WWW.UNIFIMES.EDU.BR)

Apenas mostra que certas combinações de preocupações na gestação e do puerpério geraram uma condição mais séria e duradoura do que chamamos tristeza materna (Baby blues). O baby blues diferencia da depressão pós parto, pois é caracterizada por uma forma mais leve que pode ser causada por mudanças repentinas dos níveis de hormônios femininos após o parto. Portanto, dentro dos impactos revisados na literatura pode-se observar que a depressão pós-parto é mais comum em mães adolescentes, em que pode influenciar no abandono precoce e direto do aleitamento materno e uma diminuição do vínculo construído entre mãe e bebê. Logo, a circunstância de ter depressão após o parto não ressignifica o ato de ser mãe, apenas traz consigo o viés patológico de que a saúde da mãe também é de extrema importância e que necessita de cuidados multiprofissionais.

**Palavras-chave:** Depressão. Puerpério. Depressão pós-parto. Vínculo mãe e filho. Psiquiatria.